

PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS: UM ESTUDO DE CASO DO PROJETO ENTRELACE QUE UNE EXPERIÊNCIAS COM EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E MÍDIAS

Roberta Cavalcante de França¹
Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)

Ademilde Silveira Sartori²
Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc)

RESUMO

O presente artigo propõe trazer algumas reflexões sobre como a Educomunicação desenvolve-se nos espaços de aprendizagem e quais são seus desafios; apresentamos algumas práticas educacionais realizadas em ambientes escolares como uma proposta para uma educação libertadora à luz das ideias de Paulo Freire e Mário Kaplún; e sobre o que é um profissional da educomunicação. Este texto também traz uma primeira análise de entrevistas realizadas com educadores populares do projeto Laboratórios de Comunicação Escolar - Entrelace, realizado no Ceará, objeto de uma pesquisa de mestrado que busca entender de que maneira as experiências - dentro do conceito defendido por Larrosa – dos educadores populares do projeto cearense interferem nas suas oficinas de comunicação, realizadas especificamente no período entre 2012 e 2013.

Palavras-chave: Educomunicação; Educação; Práticas Pedagógicas

¹ É mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/UDESC) - Linha Comunicação, Educação e Tecnologias, é especialista em Teoria da Comunicação e da Imagem, pela Universidade Federal do Ceará, graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Estácio FIC-Ce. Contato: jornalistarobertafranca@gmail.com

² É doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), professora das disciplinas 'Educação e Comunicação' e 'Educação, Comunicação e Cibercultura', do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGE/Udesc), líder do Grupo de Pesquisa Educom Floripa. Contato: ademildesartori@gmail.com

Introdução

“O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola”.
(FREIRE, 1996, p.38)

Saber atrair outros saberes para as salas de aula, para a escola ou para outros ambientes de aprendizagem é um desafio para qualquer educador. Paulo Freire (1996, p.38) nos convida a entender que todo educando são seres dotados de conhecimentos outros que não necessariamente estão na escola. Nos convida a perceber o cotidiano, os interesses e os desejos daqueles que iniciam uma educação formal.

Os meios de comunicação não estão fora deste círculo de interesses e conhecimentos. Se pensarmos que a comunicação e suas grandes mídias estão presentes em todos os lugares e são nossa maior – em volume e rapidez - fonte de conhecimento de mundo, entendemos que a escola tem um papel importante, mas não é a única maneira de se formar e se informar.

Educadores e educandos dos modelos de educação formal e informal, travam muitas vezes, uma batalha que tem no centro as tecnologias de comunicação. É difícil disputar com o celular e todos os seus aplicativos e possibilidades, com a internet e suas redes sociais, com o *Youtube*, os *tablets*, revistas em quadrinhos, ou com os programas de TV (a cabo ou aberta) quando se está diante de um turbilhão de conteúdos estabelecidos pelo Ministério da Educação e pelas escolas, que não envolvem, tantas vezes, nada disso. Professores esforçam-se para aprender novas metodologias, fazem especializações, acompanham programas jornalísticos para ter acesso às “últimas” e “principais” notícias do mundo, fazem cursos, mas nada parece dar conta da rapidez que as novas gerações aprendem a manusear aparelhos eletrônicos, a ter acesso às diversas informações e às ferramentas de comunicação em rede.

A Educomunicação parece cada vez mais uma alternativa para esta sociedade que pouco nos dá a oportunidade de pensar sobre as ações das empresas de comunicação e não nos permite produzir conteúdos com a mesma rapidez e agilidade.

Não basta que a escola queira transformar o professor de informática ou de artes em um educador, sem que o prepare para tal tarefa. Não adianta a escola dizer que faz Educomunicação, nem o professor dizer-se educador. Suas metodologias não podem

ser realizadas de qualquer maneira. Usar a televisão ou slides para uma aula expositiva não é fazer Educomunicação, assim como trazer um filme para substituir aquela aula que você não teve tempo de programar também não.

A ideia deste artigo é instigar professores e educadores populares a pensarem noutra alternativa de metodologia de ensino e a buscarem outras leituras sobre este novo campo, tão intrigante, possível e transformador, que é a Educomunicação. Assim como apresentaremos alguns dados de uma pesquisa de mestrado - realizada pelas autoras deste artigo - em Educação que está na sua fase inicial, mas que já permite algumas análises e podem auxiliar nos estudos da Educomunicação.

2. A Educomunicação

Educomunicação é uma palavra que já começa a se desenhar menos estranha aos ouvidos dos educadores de sala de aula e fora dela. Este é o resultado de encontros nacionais que abordam o tema, publicações de livros e artigos, pesquisas acadêmicas que trazem várias experiências brasileiras. São inúmeros eventos em torno do tema, financiamentos para Organizações Não Governamentais que estimulam a comunicação para a educação entre crianças, adolescentes e jovens, produção de conteúdo nos bairros, internet mais próxima do dia a dia das pessoas, dentre tantos outros exemplos.

Sobre as pesquisas em Educomunicação, destacamos o trabalho de Cláudio Messias³ que desenvolveu sua pesquisa de mestrado baseada nas publicações brasileiras sobre o campo que constavam no banco de dados dos congressos anuais de comunicação e educação. Dos 13 anos (1994 a 2007) observados na pesquisa de Messias (2011, p.216), o emprego da palavra Educomunicação em títulos, palavras-chaves, resumos e/ou textos completos é feito 22 vezes, em 7 anos. Dos anos analisados, o de 2002 é aquele que traz um salto no número de publicações, passa de apenas um texto publicado para cinco. O ano de 2005, foi o de mais textos publicados, sendo 6 ao todo.

³ MESSIAS, Cláudio. **Duas décadas de educomunicação**: da crítica ao espetáculo / Cláudio Messias – São Paulo: C. Messias, 2011. 240 p

Mas afinal de contas, o que é Educomunicação? Será a simples união de duas áreas, Educação e Comunicação? Claudia Jawsnicker (s.d. p.01), por exemplo, utiliza o termo Educomunicação para se referir às práticas de intervenção social que “constituem-se em ações, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas de comunicação em espaços educativos”, sendo eles presenciais e/ou virtuais, compreendendo que é de fundamental importância a ação comunicativa para o convívio social.

Em Soares (2011), a Educomunicação é um campo de intervenção social formado por

[...] ações de natureza diversificada (no campo da gestão de processos comunicativos; da expressão estética; do uso das tecnologias nos espaços educativos; da pedagogia da recepção, entre outras), articuladas com base em uma dada intencionalidade comunicativa. (SOARES, 2011, p.36).

A proposta que Soares defende consiste na união da prática educativa ao estudo constante dos meios de comunicação para formar cidadãos mais críticos e menos acomodados diante das mídias. Ligado a isso, há o exercício da criação de jornais, informativos, rádio, vídeos e jornal mural, por exemplo, como práticas que aproximam o dia-a-dia de educandos da escola, visando uma educação libertária e emancipatória, a partir do uso dos meios de comunicação e, principalmente, envolvendo todo o ambiente educativo, o que ele chama de “processos comunicativos”.

Nestes “espaços de intervenção” é possível encontrar o educador em diversas atividades. Ainda no texto de Soares (s.d, p.08), o autor cita a professora da Universidade Paris 8 (Sorbonne), Geneviève Jacquinot, que defende, com relação ao “saber midiático” e ao “saber escolar”, que os professores e as professoras são tentados a tomar posições extremas: ou ignoram a influência dos Meios de Comunicação de Massa (MCM), permanecendo com a tradição arcaica da escola; ou levam os meios de comunicação à escola “para atingir seus objetivos pedagógicos, esquecendo-se contudo, de trabalhar sobre os meios e suas mensagens” (GENEVIÈVE apud SOARES, s.d. p.8); ou ainda criam cursos especializados em “educação para os meios”, sem que mude outras práticas escolares. No entanto, para Geneviève, existe uma outra saída: a Educomunicação.

Há uma outra via, mais exigente ainda para os alunos e mestres, mas a única possível no contexto da sociedade de amanhã: a do educador, que aproxima a escola da comunicação, a partir de uma perspectiva cidadã. (GENEVIÈVE apud SOARES, s.d. p.8)

O comunicador e educador Mário Kaplún em 1980, cunhou o termo educador para designar quem desenvolve práticas que inter-relacionam a educação e a comunicação. Para ele, comunicadores devem desenvolver uma pedagogia da comunicação, com a qual é possível construir processos de comunicação democráticos e participativos, de fato.

No se trata entonces de imitar o reproducir acriticamente el modelo de los medios masivos hegemónicos. Estamos en busca de “otra” comunicación: participativa, problematizadora, personalizante, interpelante. Para lo cual también necesita lograr eficacia. Pero a partir de otros principios y hasta con otras técnicas. (KAPLÚN, 1995, p. 13)

Como afirma Kaplún (1998, p.21), todos que trabalham com uma “*comunicación educativa*” devem se perguntar: damos afirmações ou criamos condições para uma reflexão pessoal? Nossas mídias “*monologan o dialogan?*”. Acreditamos que este papel cabe a Educomunicação e suas práticas.

Trazer as mais diversas mídias para sala de aula, junto com seu uso crítico, a produção de conteúdo e o estímulo aos vários processos de comunicação com crianças, adolescentes e jovens em seu processo de formação implica positivamente na formação de crianças, adolescentes e jovens. Leo Buscaglia (2001) escreveu, dentre outros, um livro chamado *Vivendo, Amando e Aprendendo*, uma união de palestras que fazem uma reflexão sobre o ato de ensinar. Ele conta que “as coisas acontecem, entre você e o seu público, se você estiver *com* eles e não *para* eles” (BUSCAGLIA, 2001, p.22).

Nas práticas pedagógicas educacionais⁴ o educador, não obriga os educandos a fazer um programa de rádio profissional, por exemplo; o interesse está em estimular a escrita através de roteiros, estimular a fala através da locução – ouvir-se e fazer-se ouvir é mágico, sobretudo para aqueles que têm tão pouco direito à fala – estimular a interação, a curiosidade, as ideias, a criatividade, através da produção de programas. Esta metodologia pedagógica é feita, portanto, **com** os educandos e não **para** eles, por isso fortalece a comunicação como um direito humano para todos. As práticas pedagógicas educacionais estimulam a pensar

⁴ Práticas Pedagógicas Educacionais, de acordo com Sartori e Souza, (2012, p.35) são práticas “preocupadas com a ampliação dos ecossistemas comunicativos”, isto é, se preocupam “com a ampliação dos índices comunicativos estabelecidos entre os sujeitos que participam do processo educativo: comunidade escolar, crianças, família, sociedade”.

sobre como vemos televisão, como a televisão nos vê, se ela nos vê e de que forma ela nos apresenta, para citar como exemplo nossa relação com a televisão. O educador estimula o pensamento crítico, a produção de programas de rádio, de vídeos artesanais, de criação de blogues, de redes sociais, de jornais da escola, do bairro ou de um grupo, de fanzines, de jornais murais. Na Educomunicação a qualidade técnica da produção não é o objetivo principal - embora o senso estético também seja trabalhado - mas sim como seu percurso pode ser transformador.

Coloca-se à disposição para o uso de câmeras fotográficas e de vídeo, gravadores de voz, microfones, mesas de som, revistas que podem ser manuseadas e cortadas, computadores com programas de edição; trabalha-se com liberdade, mas também com autonomia e responsabilidade, estimulando o protagonismo juvenil.

Paulo Freire (1996, p.35), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, deixa claro que o professor deve ser amigo dos seus educandos.

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que 'ele se ponha em seu lugar' ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exige do cumprimento de seu dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (...) Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (FREIRE, 1996, p.35)

Freire (1996, p.38), deixa claro que a relação do professor deve ser de respeito e valorização dos pontos de vista e dos sentimentos dos seus educandos. O autor também deixa claro que:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Daí a importância do exemplo que o professor ofereça de sua lucidez e de seu engajamento na peleja em defesa de seus direitos, bem como na exigência das condições para o exercício de seus deveres. (FREIRE, 1996, p.38)

Um dos desafios postos pela Educomunicação é como fazer da escola e de outros ambientes de aprendizagens um ecossistema comunicativo. Ou seja, é preciso saber como fazer a escola ser como um lugar que cuide do “fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação” (SOARES, s.d, p.01).

A comunicadora Maria Isabel Orofino, autora do livro *Mídias e Mediação Escolar - Pedagogia dos Meios, Participação e Visibilidade*, diz que a escola não pode ser apenas um espaço de leitura e recepção crítica dos meios, deve ser também um local de produção e endereçamento de respostas às mídias, para que desta forma a escola possa contribuir também com um debate social maior e mais reflexivo sobre “os conteúdos apelativos, aos exageros do mercado e abusos ideológicos e estéticos que a mídia veicula” (OROFINO, 2005, p.42).

Sartori, Souza e Kamers (2011, p.11) ao falarem das possibilidades do uso do *Youtube* em sala de aula, destacam cinco contribuições desta ferramenta: questão motivacional, que diz respeito à velocidade e as variações de postagens; facilidade de acesso; as possibilidades de navegação por *hiperlink*; o fascínio da linguagem audiovisual e a questão da autoria e co-autoria. Neste último ponto, podemos destacar que

um exemplo dessa possibilidade seria o professor desafiar os alunos a produzirem um vídeo sobre determinado assunto, um livro, por exemplo. Para tal deverão ler o livro, pesquisar sobre as roupas da época, clima, posição geográfica, deverão dividir os papéis, elaborar um roteiro, ensaiar, escolher um local ou montar um cenário adequado, filmar, editar a imagem, publicar, verificar o número de visualizações, responder aos comentários, avaliar o trabalho e sentirem-se responsáveis pela repercussão da obra de sua autoria. Esse é apenas um exemplo que o professor é também co-autor na medida em que estimula, orienta e possibilita ao aluno buscar o conhecimento de maneira dinâmica e interativa. (SARTORI; SOUZA; KAMERS, 2011, p.11)

É nisso que o educador trabalha, estimulando a crítica aos meios de comunicação, mas, sobretudo, estimulando a reflexão e a produção de conteúdo.

4. Educomunicação como saída e a experiência do projeto Entrelace

Em 2009, a Organização Não Governamental (ONG) Associação Encine⁵, iniciou seus trabalhos no projeto Rede Entrelace – Laboratórios de Comunicação Escolar. O projeto trabalha com oficinas de comunicação – técnicas de *webrádio*, *fanzine*, vídeo, envolvendo sua produção, edição - mesclando com oficinas de meio ambiente, cidadania e direitos humanos, dando acesso às discussões do direito à comunicação.

O Entrelace é coordenado e executado pela ONG cearense Encine, financiado através de edital público pela Petrobras, realizado em parceria da Universidade Federal do Ceará (UFC) e das secretarias municipais de educação de Fortaleza, Maracanaú e Maranguape, e da Secretaria Estadual do Ceará. A iniciativa aconteceu em sete escolas públicas, em bairros de baixo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) desde 2009, na sua primeira fase, e se estendeu até 2013, quando encerrou sua segunda fase (2012-2013). O Entrelace é um projeto que implementou um laboratório de comunicação nas sete escolas, promovendo uma interação em rede entre as escolas envolvidas e, além disso, ministrou uma formação específica em Educomunicação para professores e educandos dos colégios participantes. Os professores das sete escolas receberam formação em Educomunicação oferecida pela ONG Encine e pela UFC, a fim de ajudá-los a trabalhar prevendo o máximo de possibilidades educativas que um laboratório de comunicação pode oferecer para as suas práticas pedagógicas. Concomitantemente, os educandos destas mesmas escolas também recebiam formações dentro dos Laboratórios de Comunicação Escolar, em diversos temas e linguagens. A formação dada aos educandos foi ministrada por educadores populares ligados a ONG Encine.

Este artigo traz reflexões parciais de uma pesquisa de mestrado em andamento, investigação que nasceu da vontade de buscar entender que tipos de experiências levavam um educador popular - profissional identificado com bastante frequência, sobretudo nas instituições dos movimentos populares - a construir suas práticas pedagógicas. Dedicar-se a responder de que maneira as “experiências” dos educadores populares do projeto cearense Entrelace interferem nas suas oficinas de comunicação, realizadas no período de 2012 e 2013.

⁵A Associação Encine é uma Organização Não Governamental cearense que trabalha com direito à comunicação e formação de educadores, professores e estudantes da rede pública em comunicação e nas tecnologias da informação.

Trata-se de um estudo de caso de abordagem qualitativa cujo objetivo central é analisar como o conceito de experiência pode ajudar a entender a prática educativa dos educadores populares das oficinas de comunicação realizadas no projeto cearense Entrelace. Para isso, adotamos como procedimentos metodológicos entrevistas semi-estruturadas que serão analisadas por meio de uma análise de conteúdo.

Apresentamos durante esta reflexão, os primeiros dados possíveis de ser coletados nas entrevistas semiestruturadas⁶ realizadas com doze educadores - nove mulheres e três homens - educadoras populares do Ceará que trabalharam no projeto Entrelace. Das questões colocadas nas entrevistas, destacamos três pontos que nos ajudarão a entender como se veem estes educadores que trabalham com comunicação e mídias, utilizando práticas da educação popular, mas que lecionam em um espaço de educação formal, a escola: “Como você acha que deve ser um educador?”; “Você se considera um educador?” e “Pelo que você conhece de Educação Popular e de Educomunicação, há uma relação entre elas?”.

Das doze pessoas entrevistadas, cinco afirmaram com segurança que se consideram educadoras, quatro pessoas disseram que acham que sim, pelo menos quando estão atuando nas oficinas de comunicação, e outras quatro apresentaram dúvidas ou que nunca haviam pensado nisso.

Perguntadas como elas consideram que deve ser um profissional da educomunicação, muitos das entrevistadas afirmaram que para seu ofício deve ser necessário saber manusear as técnicas, ser curioso, democrático, próximo das demandas da comunidade, ser aberto ao debate, ter sensibilidade, saber ouvir os educandos, como afirma um dos entrevistados: “não vá só com as ferramentas prontas ou só leve as ferramentas, mas que o educador construa essas possibilidades” (entrevistado 1) juntos.

Eu acho que a primeira coisa é sensibilidade, né? Acho que quando você se volta pras pautas dos movimentos sociais, da comunidade, você é tocado pra aquilo. Não só sentido espiritual e tal (risos), mas no sentido de ter sensibilidade, que eu vivo num contexto de sociedade que é excludente que é potencialmente classificadora, que tem estereótipos, que tem uma juventude que sofre com essas mazelas sociais. E aí eu acho que quando a gente se envolve pra dar oficinas, pra fazer determinadas coisas, a gente se volta por afinidade. (educadora entrevistada 2)

Das respostas obtidas para a pergunta sobre a relação entre Educação Popular e

⁶ As entrevistas fazem parte da pesquisa de mestrado de das autoras deste artigo; está em fase de desenvolvimento e com entrevistas presenciais realizadas na cidade de Fortaleza-Ce.

Educomunicação, todos os doze entrevistados, de uma maneira geral, nos deram respostas parecidas. Os educadores enfatizam que a Educação Popular valoriza as histórias de vida e as experiências dos educandos, enquanto a escola de ensino formal, algumas vezes, não o faz. A Educomunicação, portanto, inserida neste ambiente de valorização do ser humano, realiza um trabalho valioso para a construção da cidadania dos educandos, segundo os entrevistados.

Uma das entrevistadas ponderou que as duas áreas têm relação, mas que podem não ter, a depender do educador. Para ela, Educomunicação e Educação Popular não caminham juntas quando os educadores “utilizam a Educomunicação apenas como faces tecnológicas” (educadora entrevistada 3). Ou seja, para a entrevistada, a utilização das TIC não podem ser acrescentadas à metodologia de uma aula sem que haja um diálogo e uma intenção educativa e emancipatória, que vai além da utilização da tecnologia, por si só, apenas como aparato técnico ou de passatempo.

Outra educadora conta que quando é dada autonomia para os educandos, eles mesmos se surpreendem. “Eles se sentem aptos a escrever e divulgar o que normalmente eles não têm espaço pra isso. A voz se contextualiza nas produções” (educadora entrevistada 4).

Ainda para as entrevistadas, a Educomunicação tem a possibilidade de valorizar e divulgar o cotidiano e a realidade dos educandos, por meio de instrumentos como o fanzine as mídias móveis *internet*, rádio. Para um dos educadores entrevistados, a Educomunicação e a Educação Popular se aproximam, justifica:

Pra mim, a educação popular é algo que dialoga dentro do contexto popular, dentro daquela comunidade. E aí eu acho que a educomunicação funciona quando ela consegue pegar esse contexto popular de comunidade e desenvolver uma metodologia e se inserir nessa comunidade com essa metodologia que é própria deles. Ta entendendo? Percebendo quais as coisas deles. (educador entrevistado 5)

Para estas educadoras, o Projeto Entrelace conseguiu reunir práticas pedagógicas educacionais e Educação Popular, servindo assim de exemplo como uma experiência interessante e significativa para o macro-campo da Educação. Durante as entrevistas, ouvimos durante muitas falas, as educadoras do projeto tecerem críticas ao modelo de escola conservadora e à educação formal, acusando-as de não darem ouvidos a seus educandos e por não conseguirem construir um ecossistema comunicativo que possibilitasse uma comunicação em rede e participativa, com toda a comunidade escolar e outras escolas da região. Ouvimos também que experiências assim, com a Educomunicação e suas práticas pedagógicas,

conseguem movimentar a escola, auxiliar nos processos de ensino e aprendizagem, além de fazer todo o corpo escolar olhar para o que acontece fora dos portões, para onde todos vão quando o sino toca.

As práticas pedagógicas desenvolvidas pelos educadores junto aos educandos nas oficinas de Educomunicação contavam com um laboratório equipado com diversos recursos tecnológicos como câmeras de filmagem e fotografia, computadores com acesso à *internet*, projetores de imagem, mesas de som, microfones, gravadores de voz. No entanto, para além disso, contava com uma proposta educativa e com educadores populares que entendiam a importância de se ultrapassar o mero uso desses recursos, que se preocupavam com a formação de um cidadão consciente, crítico, criativo e interveniente no mundo. Por isso, consideramos que as práticas pedagógicas destes educadores são educ comunicativas e ligadas às práticas da educação popular, construídas e desenvolvidas no seu fazer diário, pois valorizam os saberes dos educandos, ajudam a desenvolverem sua criticidade, criatividade, trabalho em grupo, dentre outras habilidades como escrita, fala, imaginação.

Quando um professor inclui as Tecnologias da Informação e da Comunicação em sua prática pedagógica, acompanhada dessa inclusão estará sempre a intencionalidade desse professor. A prática pedagógica não é neutra, nela estão intrínsecos ‘o tipo de aluno’ que se quer formar, ‘como’ se pretende formar e ‘para quê/quem’ se quer formar. Não depende dos recursos tecnológicos que se adota na elaboração das práticas, nem se adota-se ou não algum recurso tecnológico, mas depende dos paradigmas que estão por trás do sujeito que elaboram as práticas. O educador que trabalha na perspectiva das práticas pedagógicas educ comunicativas assume a seguinte posição: contribuir para a formação de um educando que tenha consciência de si e do mundo; preocupa-se em possibilitar situações educativas que ampliem seu repertório cultural, artístico, científico, bem como a sua capacidade expressiva, crítica e criativa; visa o ecossistema comunicativo emancipatório que garanta uma comunicação negociada e gerenciada que leve em consideração o diálogo entre todos os atores de um ambiente de aprendizagem, bem como estimula o uso democrático das tecnologias.

Conclusão

Trazer a Educomunicação como um campo de inter-relações entre a Comunicação e a Educação, como uma prática acessível e possível para os ambientes educativos é, sem dúvida, um desafio. Corre-se o risco ainda de o educador não ser levado a sério, chamado de leviano. Neste artigo, pudemos apresentar um pouco das inúmeras possibilidades de se trabalhar com tal metodologia, partindo da premissa que a Educomunicação é um processo. A sua prática possibilita o surgimento de um ambiente propício para a aprendizagem, ou seja, de um ecossistema educacional, já citado acima.

Por meio da Educação Popular, essa experiência cearense desenvolveu práticas pedagógicas que se configuraram como educacionais, iniciativa que envolve professores, adolescentes e jovens de escolas públicas. Embora as reflexões apresentadas aqui sejam ainda iniciais, já é possível identificar dados relevantes quanto às questões relativas ao papel do educador no seu fazer educativo; a importância das discussões acerca da utilização das Tecnologias da Informação e da Comunicação para o processo de emancipação dos educandos das escolas públicas participantes do projeto; a relevância da problematização de questões sobre democratização da comunicação, direitos humanos, meio ambiente, cidadania; a importância do envolvimento de professores, educandos e corpo gestor da escola, para o fortalecimento do ecossistema comunicativo do ambiente escolar; e ainda é muito provável que outras questões venham à tona durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Até o presente momento, as primeiras análises de dados do projeto Entrelace nos mostraram que ele ajudou as escolas participantes a criarem um ecossistema comunicativo, pois: 1) contribuiu para que as escolas participantes pudessem ter, no Laboratório de Comunicação Escolar, um espaço específico e fixo destinado às produções de conteúdo para fanzines, programas de rádio, fotografias, vídeos para *internet*, dentre outras linguagens, utilizando equipamentos adequados, isto é, um espaço que servisse de referência para toda a escola, já que mesmo com o final do projeto, os equipamentos e toda a estrutura dos laboratórios permaneceram nas escolas; 2) através das oficinas de educação ministradas pelos educadores populares, os educandos puderam olhar para os meios de comunicação de maneira mais próxima, sabendo que também poderiam produzir e veicular conteúdos sobre o seu bairro e temas de seus interesses, com sua identidade e a identidade da

sua escola, ampliando seu entendimento sobre o uso crítico da mídia, direitos humanos, direito à comunicação, dentre outros; 3) aproximou os educandos de linguagens como de rádio-novela, vídeo para *internet* (realizados com mídias móveis)⁷, elaboração de textos em formatos não-lineares, utilização de tecnologias que uniam o formato gráfico de redes sociais com o papel dobrado dos fanzines etc., com isso, estimulando a criatividade, apresentando outras formas de ver e usar as mídias; 4) os professores participantes do projeto - e também aqueles que não estavam inseridos diretamente na iniciativa - tiveram a oportunidade de usar os espaços e as ferramentas dos laboratórios para utilizar em suas práticas pedagógicas, seja estimulando a produção de conteúdo e/ou de debates; 5) em algumas escolas, os educandos tinham total autonomia para cuidar dos equipamentos, do espaço físico e dos momentos de uso coletivo dos laboratórios; o tempo de utilização, em alguns casos, ficava a critério deles, fosse no recreio, fosse no contra turno das aulas, auxiliando no processo de educação emancipatória de cada um que se envolveu na iniciativa; 6) a participação das gestões das escolas procuraram aprender a utilizar os equipamentos que chegaram às escolas de forma mais dinâmica e democrática, sem o apego exacerbado de quem nunca pode ter aquele tipo de tecnologia para uso coletivo em seu ambiente de trabalho.

Entendemos a Educomunicação como um conjunto de ações educativas capazes de contribuir para uma comunicação dialógica, para ampliar as possibilidades de expressão, promover a cidadania, favorecer uma relação mais ativa e criativa dos sujeitos diante das coisas do mundo, incluindo também, mas não apenas, as referências midiáticas e tecnológicas que dispomos cotidianamente na contemporaneidade. Assim, as Práticas Pedagógicas Educomunicativas estão no cerne de discussões ainda necessárias para alavancar o processo de reflexão e ação que a educação escolar contemporânea anseia.

A Educomunicação já começa a ganhar espaços nas escolas e em outros ambientes educativos. Ela cria sustentáculos nas Organizações Não Governamentais, nos grupos de estudo da mídia, na universidade, nas experiências da comunicação popular, porém firmes e com excelentes resultados. É na apropriação das mais diferentes mídias, que o diferencial e a transformação social acontecem.

⁷ Mídias móveis se configura como câmeras filmadoras e fotográficas amadoras, celulares, *tablets*.

Referências bibliográficas

BUSCAGLIA, Leo. **Vivendo, amando e aprendendo**. 25 ed. São Paulo: Nova Era Editora, 2001. 275p.

CORTEZ, Denise. **Educação e Comunicação na perspectiva de Paulo Freire: a questão da mídia na prática docente**. Centro Paulo Freire. Estudos e Pesquisas, Recife, 2005. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/142396407/41-1-EDUCACAO-E-COMUNICACAO-NA-PERSPECTIVA-DE-PAULO-FREIRE-A-QUESTAO-DA-MIDIA-NA-PRATICA-DOCENTE-2005-pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975. 150 p.

_____. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 19. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JAWSNICKER, Claudia. **Educomunicação: reflexões sobre a teoria e a prática**. A experiência do Jornal do Santa Cruz. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, [S.I.], [200-]. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/jawsnicker-claudia-educomunicacao.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2014

KAPLÚN, Mario. **Una Pedagogía de la Comunicación**. Madrid. Ediciones de la Torre, 1998

MESSIAS, Cláudio. **Duas décadas de Educomunicação: Da crítica ao espetáculo**. 2011. 240 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

OROFINO, Isabel. **Mídias e Mediação Escolar - Pedagogia dos Meios**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. Vol. 12. 176p.

SARTORI, Ademilde; SOUZA, Kamila; Kamers, Nelito. **Desenho Animado, Tv e YouTube: Reflexões Sobre Educomunicação e Linguagens**. Anais do Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação . XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, 2011. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0788-1.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2014

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação/educação emergências de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. NCE USP, São Paulo, [200-]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 6 ago. 2014.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **O perfil do educador.** NCE USP, São Paulo, [200-].

Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 5 ago. 2014.

_____. **Sobre Educomunicação, seus procedimentos e metodologias.**

NCE USP, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. **Uma educação para a cidadania.** NCE USP, São Paulo, [200-]. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos/>>. Acesso em: 15 ago. 2014.